

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MÉDIO VALE DO RIO JAURU, MUNICÍPIO DE INDIAVAÍ, BRASIL.

Marlon Borges Pestana¹

Resumo

Este artigo discute algumas interpretações obtidas através das atividades de resgate arqueológico no reservatório da PCH Figueirópolis instalada no município de Indavaí, estado do Mato Grosso, no período de setembro a dezembro de 2008. O projeto original foi de autoria, coordenação, execução e financiamento de Robrahn-González (2008). Entre os resultados estão a descoberta de 34 sítios arqueológicos, sendo destes 25 escavados parcialmente, novos dados sobre a Arqueologia no oeste brasileiro e oriente boliviano, em específico com relação à tradição Uru e tradição Descalvado.

Palavras-chave: arqueologia, horticultores ceramistas, rio Jauru.

Abstract

This paper discuss some of the most important interpretation about archaeological rescue activities in the PCH Figueirópolis lakes, to be build at Indavaí town, Mato Grosso State, between September and December 2008. The author of the original project was Robrahn-González (2008) who coordinated, executed and financial The results are a discovery of 34 archaeological sites, between them 25 were partially excavated, new data has been added to Brazilian west and oriental Bolivian territory in specific to Descalvado and Uru traditions.

Keywords: archaeology, pottery maker farmers, Jauru river.

INTRODUÇÃO

No período de 29 de setembro de 2008 a 10 de dezembro do mesmo ano a equipe da Empresa DOCUMENTO Ltda efetuou o resgate de 34 (trinta e quatro) sítios arqueológicos que estavam localizados nos terrenos que serão inundados pelo futuro reservatório da PCH Figueirópolis. Dos 34 sítios arqueológicos registrados inicialmente ficou decidido por intervir naqueles que sofreriam impactos diretos e estavam localizados em ambas as margens do rio Jauru. O total de dois meses e quinze dias foi considerado tempo suficiente para que a equipe realizasse escavações nos principais sítios arqueológicos daquela porção do alto rio Jauru. Importante salientar que as

¹ Bacharel em História pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Especialista em História do Rio Grande do Sul pela mesma Universidade e Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, doutorando pela mesma Universidade. E-mail: marlonpestana@hotmail.com.

atividades não eram as primeiras incursões arqueológicas na área, a Empresa DOCUMENTO Ltda já havia realizado pesquisas anteriores no vale do rio Jauru, acompanhando a instalação de empreendimentos do setor energético.

Figura 1: Localização das Atividades de Resgate Arqueológico na PCH Figueirópolis.



Fonte: Documento Ltda.

As escavações primaram por registrar elementos diferenciais que indicassem variações culturais dos portadores da tradição Uru além daquelas já observadas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996a; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996b). Estas disparidades observadas no comportamento da cultura material foram recolhidas através de métodos de escavação padronizados aplicados nos vinte e cinco sítios arqueológicos na mesma intensidade. O resgate arqueológico contou com o apoio de trabalhadores braçais na presença de quatro a sete participantes, predominando seis auxiliares. Além destes, estavam presentes em campo três arqueólogos. O transporte era realizado com caminhonetes até o local do embarque na margem do rio Jauru e, posteriormente, seguia-se entre oito e dezesseis quilômetros ao norte na direção montante até a praia de desembarque, normalmente já nas proximidades do sítio arqueológico. Cada arqueólogo estava munido de uma máquina fotográfica digital, um GPS em ótimas condições e fichas de registro que foram preenchidas no local. Esta técnica permitiu a cada

profissional se encarregar de uma tarefa distinta facilitando e dinamizando o resgate arqueológico em cada sítio.

Figura 2: Vista geral da área piloto no vale do rio Jauru, Indiavaí, MT.



Fonte: Arquivos de campo Documento LTDA. Foto: Marlon Borges Pestana.

Em campo, nas primeiras semanas, por estarem alojados longe da área de ação, optou-se pela sede do município de Indiavaí, Av. Jaime Campos, Hotel Skala, Estado do Mato Grosso. Contudo, nesta etapa do programa arqueológico, já haviam sido construídos na área as estruturas do canteiro de obras da Pequena Central Hidrelétrica Figueirópolis contando com escritórios, alojamentos, carpintaria, oficinas, etc. Uma pequena parte desta estrutura foi utilizada para apoio à logística em campo, como é o caso dos bebedouros e da cozinha que fornecia água gelada e almoço para o dia. A mão de obra auxiliar contratada para a execução das atividades era originária do município sede, incluindo os locadores e pilotos das embarcações.

Com a equipe composta de um total de nove a dez pessoas a quantidade de dois veículos e dois barcos foi suficiente. A operação justificava-se devido ao fato de não haverem estradas vicinais ou acessos à grande parte das margens do rio Jauru e, por se tratar de um rio pantaneiro e navegável, optou-se pelos barcos para facilitar o processo de resgate. Desse modo tanto as pessoas, o material arqueológico e as ferramentas foram transportados com segurança por quilômetros no rio até o porto-base da equipe de Arqueologia, na antiga casa do Sr. Antônio Alves da Silva (Faz. Paraíso do Sr. Antônio Bananeira). Neste porto os veículos ficavam estacionados até o retorno da equipe no final da tarde. Devido ao fato dos sítios arqueológicos estarem afastados apenas alguns

metros das margens do rio Jauru, o acesso até eles de barco e por água, permitiu a conclusão da intervenção num prazo de um e no máximo dois dias. Oferecendo atenção isolada de até um mês, caso o registro arqueológico oferecesse maior densidade nos sedimentos ou estruturas como sepultamentos e fogueiras.

PAISAGEM, HISTÓRIA E INSERÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

O vale do rio Jauru foi identificado histórica e geograficamente através do *Marco do Jauru*, importante reconhecimento da região protagonizado pela Coroa Portuguesa através do acordo com o Vice-Reinado Espanhol durante o Tratado de Madri em 1750. Neste período predominavam as viagens pelas artérias navegáveis das terras pantaneiras em busca de especiarias e drogas do sertão descritas nas viagens dos naturalistas Johann Natterer, 1822; Langsdorff, 1825 e Francis Castelnau, 1843. É nesta época que surgem as primeiras descrições militares detalhadas da geografia da região.

Localizado ao limite nordeste das áreas alagadiças do pantanal, o rio Jauru é o afluente do rio Paraguai que mais se aproxima ou até mesmo adentra a bacia amazônica, mesmo pertencendo ao sistema hidrográfico platino. O traçado do rio Jauru percorre mais de seis municípios até desaguar no rio Paraguai em Cáceres, MT. Neste trajeto suas margens estão cercadas por fazendas cuja base econômica é a pecuária onde é característico o desmatamento para a plantação de pastagens. A escassa mata ciliar restante é um misto entre cerrado e mata de galeria, formada principalmente na baixada junto à elevação de formação serrana.

A hidrografia da bacia do rio Jauru, além de possuir bolsões alagadiços característicos do pantanal, possui também pequenos córregos, rios e afloramentos aquíferos, estas minas de água são os principais contribuintes hídricos da região. Geologicamente parece pertencer a uma área de transição entre a Formação Parecis e Tapirapuã (PETRI; FÚLFARO, 1983) constituída de relevo acidentado ora formado por picos de arenitos finos ocorrendo também diques de basalto de origem cambro-ordovicianas, provavelmente intercalados por depósitos cenozóicos. A paisagem da região marca o início de um divisor geológico entre a bacia amazônica e platina, ou seja, a Formação Parecis ao norte. Existem, também, arcos magmáticos pouco

pronunciados indicando atividade vulcânica através de rochas metamórficas, deixando elementos erodidos e escorridos lembrando intensidade no dinamismo geológico.

A mineralogia da região é caracterizada por grãos e blocos encontrados em leitos de córregos provenientes das porções altas da serra onde ocorrem riolitos, basaltóides, arenitos, piratas e outras rochas metamórficas. A ocorrência de arenito modificado é rara, portanto existente. Além das rochas e áreas planas, a paisagem oferece uma grande variedade de espécies vegetais lenhosas e construtivas, atualmente o Bacuri, espécie típica de palmácea, foi preservada pelos pecuaristas para fazer sombra ao gado, usada desde sempre pelos pescadores da região para confeccionar abrigos naturais e telhados.

O clima é tropical com ocorrência de chuvas no verão entre os meses de outubro a fevereiro, a precipitação pluviométrica é baixa em relação aos territórios amazônicos, cerca de 500,0 mm a menos por mês. É pouco antes das monções que ocorre a piracema, estação do ano onde os peixes sobem o rio Jauru (que é naturalmente muito piscoso) para procriar, nesta época do ano a abundância de caça e pesca é significativa. Existe uma área de preservação ambiental permanente, que é o único espaço onde foi possível observar a forma e constituição da vegetação antes de ser destruída. Nota-se que são capões de mato alto, limpos por baixo, formando bosques entremeados por cerrado alto, a estrutura do solo favorece a vegetação de grande porte na região, o que teria atraído grupos humanos no passado, juntamente com as corredeiras e terraço fluvial plano.

MÉTODO E TÉCNICA DO TRABALHO DE CAMPO

Para cumprir as atividades de pesquisa e intervenção arqueológica na área de estudo, dentro do prazo estipulado, a equipe optou por, primeiramente, aplicar o método de resgate aceito e descrito em outros trabalhos (CHMYZ, 1968a), modificado e adaptado pela Prof. Dra. Erika M. Robrahn-González (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996b), junto com outros conceitos reconhecidos nacionalmente e também publicados (MENTZ RIBEIRO, 2004; SCHMITZ et al., 1982). Foram aplicados em cada sítio arqueológico, basicamente três tipos de intervenções distintas: poço-teste, sondagem e área de escavação.

O *poço-teste* foi a mais numerosa das intervenções aplicadas no reservatório da PCH Figueirópolis. Através do planejamento previamente determinado pelas coletas superficiais, a aplicação destas perfurações possibilitou identificar áreas com maior ou menor densidade de material arqueológico, permitindo assim a coleta de uma amostra mais densa do registro. Os poços-teste foram separados em lotes variáveis de vinte para cada sítio arqueológico. A presença ou não de material cultural determinava a aplicação dos poços-teste, como na maioria deles o registro era positivo, ampliava-se a abrangência em duas linhas de perfurações, uma leste-oeste perpendicular ao rio Jauru e outra norte-sul paralela ao mesmo rio.

As intervenções por poços-teste ultrapassaram a quantia dos quatrocentos e oitenta para todo o reservatório da PCH Figueirópolis somente no resgate. Além da facilidade para a observação do registro arqueológico e dimensões do assentamento, a aplicação dos poços-teste foi o principal indicativo da posição das estruturas de sepultamentos, quando existentes, em relação ao sítio arqueológico, o que era constantemente indicado através de fragmentos de ossos humanos junto aos sedimentos peneirados. Cada uma das duas linhas perpendiculares e entrecruzadas que respeitaram os pontos cardeais possuíam dez poços-teste espaçados a cada dez metros (10,0 m) alcançando profundidades de subsuperfície de um metro e meio (1,50 m). As intervenções respeitaram este procedimento padrão de vinte poços-teste distribuídos na superfície do sítio, divididos em duas direções diferentes e afastados a cada dez metros. E com profundidades de até um metro e meio, variando apenas para sítios muito mais densos ou menos densos.

As ferramentas usadas na confecção de cada poço-teste foram uma cavadeira articulada boca de lobo, uma alavanca ou haste metálica (cavadeira reta), uma enxada e fita métrica. Cada poço-teste foi fotografado e registrado através de GPS.

A *sondagem* representava naquele momento a coleta de informações necessárias ao salvamento arqueológico em profundidade. Foram confeccionadas cinco sondagens para cada sítio arqueológico, totalizando uma média de cento e vinte para todo o reservatório da PCH Figueirópolis. O resultado dos poços-teste, como primeiras intervenções no sítio, foram os guias para a confecção da sondagem que normalmente eram escavadas junto aos poços-teste que apresentavam maior quantidade de fragmentos cerâmicos.

As sondagens, ao total de cinco para cada sítio, respeitaram o tamanho padrão de um metro quadrado (1,0 m²) e escavadas em níveis arbitrários e artificiais de dez centímetros (10,0 cm). Para a certificação de que não havia demais evidências ou camadas arqueológicas em profundidade, a primeira sondagem era escavada exaustivamente até alcançar a rocha ou a água, as demais eram escavadas até a extinção da evidência mais dois níveis estéreis. Ao contrário dos poços-teste que investigaram as dimensões horizontais do registro arqueológico, na sondagem buscavam-se suas características temporais e verticais, ou mais precisamente a verificação da camada de ocupação e suas variáveis, tais como coloração, granulometria dos sedimentos e conteúdo do pacote arqueológico. As sondagens que foram confeccionadas nas proximidades dos poços-teste com presença positiva de material arqueológico, registravam maior quantidade de fragmentos.

Figura 3: Área de escavação 01, sítio Figueirópolis VIII, nível 10-20 cm.



Fonte: Arquivos de campo Documento LTDA. Foto: Marlon Borges Pestana.

As ferramentas utilizadas na confecção de cada sondagem foram: um esquadro de sondagem, barbante, estacas de metal de vinte centímetros cada, uma enxada, um enxadão, uma pá de bico reto, uma peneira arqueológica (quadrada, confeccionada com ripas e arame fino), colher de pedreiro adaptada, trincha, pincel, escalas e fita métrica. Assim como nos poços-teste, as sondagens foram georreferenciadas com GPS, além

disso, foram confeccionados desenhos dos perfis estratigráficos em papel milimetrado e registrados em fotografia digital específica.

As *áreas de escavação* foram aplicadas nos assentamentos com maior densidade de material arqueológico ou nos locais onde foram constatados sepultamentos e outras estruturas. Adotamos o padrão de nove metros quadrados (9,0 m²) ou 3,0 x 3,0 m para algumas áreas de escavação mais promissoras. Estas escavações tinham como prioridade registrar informações relativas à distribuição do material arqueológico na camada antrópica, visto que se tratava de sítios relativamente preservados. As áreas de escavação foram subdivididas em quadrículas de um metro quadrado (1,0 m²) facilitando o desenho técnico que foi a principal ferramenta para a visualização do material arqueológico. Guardava sempre a probabilidade de expandir-se a área escolhida.

Nesta etapa do resgate arqueológico os esforços foram concentrados na camada de ocupação de cada sítio arqueológico respeitando os substratos preservados e naturais. Foram escavadas dez áreas amplas no reservatório da PCH Figueirópolis, distribuídas em áreas estratégicas o que evidenciou a posição dos assentamentos densos no reservatório.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Os assentamentos pré-coloniais registrados nas margens do rio Jauru, possuem características semelhantes entre si e exponenciais relativos a uma ocupação exploratória de recursos ambientais tanto terrestres quanto aquáticos. Foram registrados trinta e quatro sítios arqueológicos (registrados em números romanos) destes foram resgatados vinte e cinco sítios, dos restantes, cinco estavam imediatamente fora da delimitação do lago da usina e, nos quatro últimos, não conseguimos autorização do proprietário das terras para escavar.

De uma forma geral, os sítios arqueológicos foram encontrados distribuídos de maneira irregular num território, onde os grupos privilegiaram áreas planas nas margens do rio Jauru, nas proximidades ou não de afluentes, i.é, relativamente independentes. Numa perspectiva horizontal, as dimensões dos sítios oscilaram entre quinze a oitenta metros na porção mais larga, predominando quarenta e seis metros, com variação de

dois metros para mais e para menos. A concentração de cerâmica, agrupada no interior destes quarenta e seis metros, possui forma elíptica, retangular e oblonga, não se observando nenhum assentamento com concentração de cerâmica circular, com exceção do sítio arqueológico histórico. O fato de se ter observado concentrações retangulares pode ser de anos de pisoteio do gado, no entanto, o mesmo fenômeno ocorre em profundidade nos sítios arqueológicos preservados.

A estrutura estratigráfica é única e particular para cada sítio arqueológico na bacia do rio Jauru, apresentando características e disparidades semelhantes entre si. A camada de ocupação apresenta espessuras que variam entre cinco e sessenta centímetros, predominando vinte centímetros nos assentamentos mais tradicionais. Em geral, mesmo tendo sido encontrados fragmentos cerâmicos em superfície, a camada de ocupação nos sítios arqueológicos está entre cinco e dez centímetros de profundidade a partir da superfície. Apenas um sítio arqueológico (Fig-Jau-23) apresentou vestígios cerâmicos abaixo dos sessenta e cinco centímetros de profundidade.

A paisagem em que os sítios arqueológicos estão inseridos indica que as populações buscavam áreas planas, próximas ao rio, em particular nas proximidades das corredeiras onde a pesca é abundante e relativamente fácil, com solo fértil e de boa qualidade para plantação. A posição estratégica dos assentamentos entre si indicaria pouca ou nenhuma contemporaneidade, observa-se que, mesmo estando separados com distância irregulares, alguns sítios arqueológicos quase fazem intersecção com o seu vizinho, ou seja, sobreposição ou reocupação. Esse fenômeno indicaria relativa sedentarização e locomoção dos portadores da cultura material pelo território.

Os artefatos registrados nos sítios arqueológicos são em especial fragmentos cerâmicos que representam panelas, potes, vasilhas, assadores planos, pratos, recipientes para armazenagem de água e cozimento de alimentos pastosos (Martins & Kashimoto, 2000; Brochado, 1977; Skibo, 1992). Além deles, encontramos posteriormente com mais frequência algumas lascas de material lítico que não apresentam sinais de desgaste ou uso, mas que provavelmente foram reduzidos de núcleos, pois possuem cicatrizes de percussão. E, por último na ordem de ocorrência, aparece o material ósseo, tanto humano quanto animal. O material ósseo só se manteve preservado em ambientes com solos arenosos onde o pH relativo oscilou entre 6,3 e 9,1, bastante alcalinos para os padrões da região onde os sedimentos intracratônicos costumam ser ácidos.

Outros materiais orgânicos e perecíveis não foram detectados no registro arqueológico. A densidade e a variabilidade destes artefatos cerâmicos, localizados no reservatório da PCH Figueirópolis, foi o principal indicador de elementos característicos do sistema de povoamento pré-colonial na área, tendo a *vasilha* como artefato guia (Robrahn-González, 1998b). Quando das primeiras visitas aos assentamentos, um número significativo de pequenos fragmentos cerâmicos foram encontrados na superfície dos sítios, moídos pelo pisoteio do gado, com o início das escavações foram identificados fragmentos maiores de vasilhas em profundidade e até mesmo vasilhas fragmentadas e inteiras.

A descrição sumária dos sítios abaixo apresenta os dados parciais das intervenções, tais como o georreferenciamento do *datum*, localização do resgate em relação ao assentamento, breve descrição das dimensões do sítio e principais artefatos identificados. Só serão descritos os sítios arqueológicos resgatados e aqui apresentados na ordem cronológica do resgate; a descrição dos sítios que não foram incluídos pode ser encontrada no Relatório Parcial do Programa de Prospecção Arqueológica da PCH Figueirópolis (Robrahn-González, 2008).

MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Foram recolhidos e registrados aproximadamente quatro mil artefatos, entre eles fragmentos de vasilhas em **cerâmica**. As peças representam 86,0 % da amostra disponível, seguidas de material lítico (11,0%) e material ósseo (3,0%). Entre os fragmentos cerâmicos 92,5% representam vasilhas sem decoração, possuindo apenas um simples tratamento de superfície alisado, em alguns casos com aplicação de banho. No restante da porcentagem 7,5% dos fragmentos são pintados e 2,5% com decoração plástica em especial o inciso na face externa.

A técnica de confecção das vasilhas é o acordelado ou roletado em 100,0% das peças analisadas. A textura da superfície é compacta, sem ocorrência de desprendimento dos grãos. O antiplástico é predominantemente cariapé, com raras ocasiões de impurezas vegetais associadas à pasta que, em geral, é bem misturada/amassada. A queima é completa e homogênea em atmosfera oxidante com poucas manchas de oxidação (fumaça) indicando pouca entrada de oxigênio, mostrando controle. A

coloração da superfície das vasilhas oscila de acordo com a região e a face do fragmento variando entre ocre-pardacento e pardacento-avermelhado.

As formas das vasilhas nos sítios pré-coloniais representam panelas, bacias, pratos assadores, tigelas e potes. Os contornos são simples. Nas vasilhas com capacidade volumétrica acima de cinco litros as bases são planas com bordas levemente extrovertidas. Além das vasilhas apareceram pesos de fusos com perfuração central e diâmetros de até 8,0 cm. Alguns fragmentos de trempes foram registrados.

Figura 4: Fragmentos cerâmicos decorados, menos de 1,0 % da amostra, vermelho entre inciso lineares.



Fonte: Arquivos de campo Documento LTDA. Foto: Marlon Borges Pestana.

Os fragmentos cerâmicos encontrados no sítio arqueológico histórico Fig-Jau-01 apresentam decoração incisa da parte externa, formando grades e redes, além de serrungulados na borda dos pratos. A queima é completa em atmosfera redutora.

O **material lítico** é composto por lâminas de machado polida confeccionadas sobre blocos de basalto; lascas de quartzo destacadas de pequenos núcleos através de percussão direta e uma placa peitoral pendente em rocha talco metamórfica.

O **material ósseo** é representado pelos sepultamentos humanos, além dos restos faunísticos registrados nas concentrações de matéria orgânica.

Além destas matérias-primas, foi registrado um machado em bronze no sítio histórico Fig-Jau-01.

FINALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES – CURADORIA

Ainda em campo, durante o resgate, o material arqueológico foi embalado em sacos plásticos acompanhado de etiqueta, identificadora do mesmo, alojada no interior de pequenos sacos plásticos para não ser esfarelada pela umidade. O material reunido e identificado era conduzido ao depósito em baldes de metal e caixas de plástico.

À medida que o material cultural foi coletado nos sítios arqueológicos era encaminhado a um laboratório especializado, porém improvisado para que fosse higienizado em pias com água corrente. As peças foram limpas utilizando-se escovas adaptadas ao material lítico e cerâmico, este procedimento era realizado todo o sábado pela manhã com o auxílio de trabalhadores.

O material arqueológico limpo era conduzido até as esteiras de madeira onde secava em temperatura ambiente e abrigado do sol, era também separado de acordo com a procedência da intervenção sempre acompanhado com a etiqueta identificadora. Depois de seco o material era levado para as mesas de análise onde recebia o número de catálogo.

Os artefatos foram brevemente analisados a fim de obter dimensões das peças, coloração, textura, forma, tipo de confecção e queima para o caso da cerâmica e tipo de lascamento e/ou polimento no caso do material lítico. Após estas primeiras observações as peças mais significativas foram fotografadas em pranchas de fundo azul com escala.

O processo de numeração foi realizado através da aplicação de uma camada de esmalte-base numa porção discreta na face interna de cada peça e, em seguida após a secagem, as peças receberam um número de catálogo escrito com penas metálicas e utilizando-se nanquim preto que, posteriormente, era descrito na ficha de inventário.

Após o término do processo de limpeza e numeração a equipe arquivou o material arqueológico, separados por sítio e matéria-prima, em caixas de arquivo morto de papelão. Cada caixa recebeu uma etiqueta externa com as identificações do material em seu interior. O material arqueológico, juntamente com as fichas de inventário e ofício, foi entregue no Instituto do Homem Brasileiro – IHB em Cuiabá, no dia 18 de dezembro de 2008.

HIPÓTESES E INTERPRETAÇÕES:

O POVOAMENTO PRÉ-COLONIAL DO RIO JAURU

Os resultados do resgate arqueológico mostraram que diferentes populações ocuparam as margens do rio Jauru, com a predominância de uma cultura, variando de acordo com a época. Os trinta e quatro sítios cadastrados são cerâmicos indicando forte dependência da horticultura e da natureza. Os grupos horticultores que ocuparam o vale do rio Jauru teriam construído casas em formas elipsóides, o que explicaria a distribuição elipsoidal do material arqueológico, ocupando cada área por um período limitado entre três a cinco anos o que explicaria o sedimento arqueológico de vinte centímetros para a maior porcentagem dos sítios.

A população predominante, conhecida cientificamente como Tradição Uru (MARTINS; KASHIMOTO, 2000; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998; WÜST; BARRETO, 1999; MAYBURY-LEWIS, 1979; VERONEZE, 1993; OLIVEIRA, 2005; BARBOSA, 1990), foi atraída pelas margens do rio Jauru devido à concentração e fluxo de energia protéica (FOLEY, 1977, p. 168) naquele território que, associado com a abundância de água, se tornaria um espaço de excelência para habitação. Por mais que tenhamos tratado as culturas registradas nas margens do rio Jauru como sistemas sociais abertos (GREEN; PEARLMAN, 1985); os assentamentos se modificaram ao longo dos anos e a cultura predominante acabou dominando a região a ponto de não ser possível identificar culturas permeáveis atuando na área ou permeabilidade da cultura regional interagindo com fatores externos, o que estaria indicando controle e forte impermeabilidade cultural do território de domínio (GREEN; PERLMAN, 1985, p. 9-10). A tradição Uru não avança numa determinada direção, como antes se acreditava, ela surge aonde existem relatos de ocupação tradicional dos grupos Macro-Jê.

Nestes três últimos meses do ano de 2008 foram escavados parcialmente vinte e cinco assentamentos escolhidos de acordo com seus elementos diferenciais e densidade. Os demais sítios arqueológicos, mesmo que fossem significativos para a pesquisa, acabaram por se enquadrar dentro do mesmo sistema de assentamento já previsto para os escavados anteriormente.

As intervenções que mais forneceram elementos concretos de análise e interpretação foram as áreas de escavação. Enquanto os poços-teste indicavam as

dimensões espaciais e horizontais, as sondagens forneciam elementos verticais, em especial a espessura da camada de ocupação. As áreas de escavação permitiram que observássemos a distribuição e concentração dos artefatos, auxiliando na interpretação arqueológica (THOMAS, 1996, p. 32; HODDER, 1982, 1991, 1992; JOHNSON, 1999; GIBBON, 1989). Com os dados destas áreas de escavação foi possível observar que se tratava de casas ou malocas, com ou sem pátio lateral, mas principalmente em formatos não circulares, parecidos com retângulos, com abertura nas extremidades laterais justificando o material esparramado nas extremidades. Em geral o sedimento começa na superfície ou a dez centímetros, abaixo dela, e se estende por mais de quarenta e cinco centímetros de profundidade. Nos assentamentos predomina uma camada arqueológica densa de vinte centímetros entre os níveis dois e quatro.

Os grupos pré-coloniais dependiam do rio Jauru, tanto quanto as populações atuais dependem. A análise dos padrões decorativos, técnicas de confecção e principalmente a escolha do antiplástico na cerâmica, indicaria uma densa mobilidade na área, constatada pela ocorrência dos mesmos padrões fenomenológicos de confecção e desgaste (SKIBO, 1992). Em compensação, devido aos altos custos da mobilidade, estes grupos também possuíam assentamentos sedentários, representados pelos sítios Fig-Jau-08 e Fig-Jau-14. O processo de povoamento do território das margens do rio Jauru tem a ver com limitação ambiental e estratégia, como exemplo podemos citar a posição da foz do rio Vermelho que, mesmo sendo rica em pesca, caça e excelente ponto para a navegação não possui nenhum assentamento significativo nas suas proximidades. O sítio Fig-Jau-17 localiza-se em frente a esta desembocadura, na outra margem do rio Jauru.

Figura 5: Sepultamento de indivíduo em decúbito lateral, flectido e com anexos funerários.



Fonte: Arquivos de campo Documento LTDA. Foto: Marlon Borges Pestana.

Existia claramente uma preocupação com o território de domínio, indicado pela posição entre os assentamentos e ausência de sobreposição de culturas. Observou-se com isso a frequência da tradição Descalvado na área e a posterior chegada do contingente portador da tradição Uru que, lentamente, foi tomando o espaço para si. Neste mesmo sítio foram encontrados dois sepultamentos que, juntamente com os demais registrados nos sítios Fig-Jau-32 e Fig-Jau-08, mostram que o mesmo grupo praticava, no mínimo, quatro tipos de enterramentos diferentes: 1) direto no solo, estendido em decúbito dorsal; 2) direto no solo em decúbito lateral esquerdo e com ossos longos de outro indivíduo depositados e empilhados sobre as pernas; 3) depositados sobre esteira de palha (?) em decúbito lateral direito contendo oferendas funerárias dentro de pequenos potes e pratos e 4) cremados depositados em pequenas urnas funerárias com gargalo. Evidente que os sepultamentos representavam a preocupação com a hierarquia dos membros do grupo e sua posição social, pois identificamos crianças cremadas, mulheres sepultadas estendidas e homens deitados flexionados contendo ricas oferendas. Existe a possibilidade dos sepultamentos flectidos serem o resultado original de um indivíduo depositado em casulos ou fardos funerários de cestaria, isto explicaria os ossos longos junto às pernas do S2 no sítio Fig-Jau-14 e a preservação das delicadas vasilhas junto ao S1 do sítio Fig-Jau-32. Os cremados foram associados à tradição Uru enquanto que os articulados iam acompanhados de cerâmica que representa a tradição Descalvado.

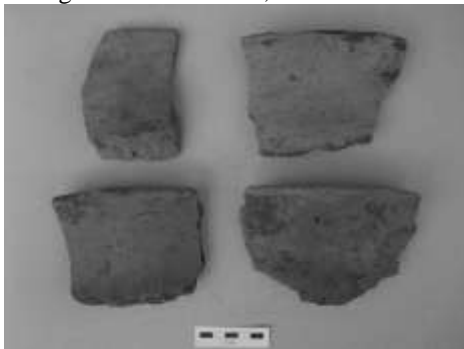
Infelizmente os sepultamentos só se preservaram nos sítios arqueológicos de sedimento arenoso e formação holocênica, diferente dos sítios inseridos em solos argilosos do fanerozóico, onde somente fragmentos de cerâmica e lascas de quartzo foram preservados. Outro elemento característico dos grupos portadores da cultura material, observado nas escavações, é a variedade no tamanho das vasilhas e a pouca diversidade de formas, predominando apenas duas: as globulares de base plana e os pratos com reforço na borda; a abertura de boca das vasilhas globulares ou panelas varia entre 1,0 e 86,0 cm para as vasilhas globulares; o diâmetro dos pratos assadores varia entre 38,0 a 180,0 cm, predominando 120,0 cm. Desde as panelinhas e os grandes pratos de assar, observamos que as variações na forma e utilidade das vasilhas têm a ver com o sítio e sua densidade de ocupação. Identificamos a preferência por alimentos cozidos e

assados, de origem vegetal como parte da alimentação (como sugeria Brochado, 1977 para os assadores). Neste território de domínio no médio rio Jauru, devido à significativa ocorrência de panelas grandes em sítios juntos ou próximos a água associada à ausência de fogões com restos ósseos carbonizados de alimentação, a preferência seria por alimentos cozidos pastosos. A predominância de assadores temperados com cariapé representava a tradição Uru, enquanto que as pequenas vasilhas com alças indicava a presença da tradição Descalvado (MIGLIÁCIO, 2000).

Os costumes das populações pré-coloniais estavam vinculados ao rio Jauru, suas corredeiras, suas matas, os barrancos em suas margens; em fim, observando sua mobilidade, percebe-se que eram excelentes canoeiros e navegadores. As casas localizadas próximas às corredeiras estariam indicando a pesca como uma importante atividade social, mas não em termos de base alimentar e subsistência, visto que nos bolsões de matéria orgânica, encontrados no sítio Fig-Jau-32, não foram observados ossos de peixe em oposição à grande quantidade de ossos de animais terrestres e aquáticos atraídos pelo rio Jauru na época da piracema.

Estas evidências apontariam para o povoamento do rio Jauru por grupos horticultores, semi-sedentários e sedentários que mudavam seus hábitos de acordo com as condições da natureza, o que explicaria a mudança nas formas e nos tamanhos das vasilhas cerâmicas no sítio Fig-Jau-24, portadores de uma cultural material cerâmica dinamizada por tipos diversificados de plantaço, tal como o milho, mandioca, feijão bravo, algodão, raízes e leguminosas. Adotaram a tecelagem como meio de produção de vestimentas e adornos, indicado pelo peso de fuso e inúmeras pré-formas de pesos de fuso encontrados nos assentamentos; outro elemento que indicaria a horticultura como forma de subsistência foi uma lâmina de machado encontrada no sítio Fig-Jau-29.

Figura 6: Fragmentos cerâmicos, alisado em ambas as faces.



Fonte: Arquivos de campo Documento LTDA. Foto: Marlon Borges Pestana.

Outros vestígios revelam que estes grupos poderiam ter usado adornos de pedra polida como pendentes ao pescoço, um pendente em talco-pirofilita foi encontrado no sítio Fig-Jau-32, possuía incisões lineares e paralelas numa das faces.

Estes elementos diferenciais são particulares daquele território. Tratar-se-ia de uma cultura impermeável, sendo quase insignificante qualquer outro sintoma de contato cultural, caso contrário teríamos observado fragmentos de vasilhas de culturas vizinhas, tais como a tradição Pantanal, Una e Tupiguarani. A cultura ceramista estabelecida nas margens do rio Jauru estaria adaptada a um ambiente natural lentamente domesticado pelos diferentes grupos sociais, ramificados com o passar do tempo, tornando-o também cultural, simbolizado pelas praias existentes até a atualidade junto às principais corredeiras do rio Jauru.

A disparidade observada entre as ocupações demográficas deve-se à provável interação entre tradição Uru e Descalvado. Reconhece-se que o vale do rio Jauru, no trecho pesquisado, teria sido densamente povoado por grupos construtores de aterros vindos do Pantanal. E de outros grupos que vinham do cerrado e moravam em casas-maloca, comiam sopas de carne e mandioca, usavam e respeitavam o rio Jauru como lazer. E, possivelmente, o percebiam como religião dentro de suas cosmologias extintas, não mais construindo aterros, por estarem fora da área alagadiça interagindo com os que já estavam ou chegavam.

Aparentemente a população teria debandado em massa do território quando chegaram os primeiros mamelucos e bandeirantes paulistas. Por água e terra chegam colonizadores em volta de fins do séc. XVII e meados do séc. XVIII, na busca por pedras e metais preciosos, além de drogas do sertão. Essa seria a única justificativa plausível para a posição e existência do sítio histórico Fig-Jau-01 e o fato de terem sido encontradas pouquíssimas evidências de contato interétnico ou cultural nos demais sítios arqueológicos. Com a chegada dos bandeirantes, teria havido uma diáspora, ocorrendo o abandono da área que foi reocupada por agricultores mamelucos, favorecidos por terras cedidas pelo Rei de Portugal Don João V depois da instauração do Marco do Jauru em 1750.

Figura 7: Distribuição dos sítios arqueológicos ao longo do rio Jauru.



Fonte: Arquivos de campo Documento LTDA. Autoria: Marlon Borges Pestana.

Depois de observar o processo de formação do registro arqueológico dos vinte e cinco sítios escavados, entende-se que, é preferível compreender a ocupação da área por meio de perspectivas relativas. Observa-se que os sítios não são tão espessos, mas tem-se com isso uma idéia, mesmo que inicial, de quais são os sítios relativamente antigos e quais são os recentes. Esta mudança não teria durado mais do que oitocentos anos, ou vinte gerações, antes da chegada dos primeiros mamelucos. Isso significa que os primeiros grupos ceramistas pré-históricos teriam chegado e povoado as margens do rio Jauru numa época entre 1.300 a.P/1.100 a.P e teriam abandonado a região a partir de 350/250 a.P. Essa data relativa explicaria a fina camada de 5,0 a 10,0 cm de sedimento natural sobre os estratos arqueológicos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. S. **Povoadores dos Cerrados**. 1990. Tese (Doutorado) – National Museum of Natural History da Smithsonian Institution de Washington D.C., Washington, 1990, 2v.

BROCHADO, José J. J. P. Alimentação na floresta tropical. **Caderno n° 02**, IFHC/UFRGS, Porto Alegre, 103 p., 1977.

CHMYZ, Igor. Novas perspectivas da Arqueologia Guarani no Estado do Paraná. In: **Pesquisas**. n. 18, Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1968a. p. 171-189.

FOLEY, Robert. Space and energy: a method for analyzing habitat value and utilization in relation to archaeological sites. In: CLARK, David. **Spatial Archaeology**. London: Academic Press Inc., 1977, p. 163-186.

GIBBON, Guy. **Explanation in Archaeology**. Oxford: Basil Blackwell, 1989. 204 p.

GREEN, Stanton W; PERLMAN, Stephen M. **The archaeology of frontiers and boundaries**. California: Academic Press, 1985. 344 pg.

HODDER, Ian (Ed.) **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, 188 p.

HODDER, Ian. **Reading the past: current approaches to interpretation in Archaeology**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. 221 p.

HODDER, Ian. **Theory and practice in archaeology**. London: Routledge, 1992.

JOHNSON, Matthew. **Archaeological theory: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. 240 p.

MAYBURY-LEWIS, D. (Ed.). **Dialectical societies – the Gê and Bororo of Central Brazil**. Cambridge: London: Harvard University Press, 1979. 340 p.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo, v. 10, p. 121-143, 2000.

MENTZ RIBEIRO, P. A. Metodologia da Pesquisa Arqueológica. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. **Arqueologia na cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Editora da FURG, 2004. p. 7-44. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense. n. 26.

MIGLIACIO, Maria C. **A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, uma leitura preliminar**. 2000. 391 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

OLIVEIRA, Elisangela Regina de. **Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins**. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

PETRI, Setembrino; FÚLFARO, Vicente José. **Geologia do Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1983. 631 p.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento.** 232 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996a.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 6, p. 83-121, 1996b.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Teoria e métodos na análise cerâmica em arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 8, p. 287-294, 1998b.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. **Pesquisas (Antropologia)**, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 33, 1982.

SKIBO, James M. **Pottery function: a use alteration perspective.** Nova York: Plenum Press, 1992. 205 p.

THOMAS, Julian. **Time, identity and culture: an interpretive archaeology.** Nova York: Routledge, 1996. 266 p.

VERONEZE, E. **A ocupação do planalto central brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul.** 1993. 231 f. Dissertação (Mestrado) – UNISINOS, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo. 1993.

WÜST, I.; BARRETO, C. N. The ring villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian archaeology. **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 1, p. 3-23, mar. 1999.